

# HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA **SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**



**TOMO 6**

**BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA**

*São Paulo:  
Página 71  
mag 71  
272  
274  
Albano Patrício  
Detetive Aguiar*

BR RJ CGC VP 04.07.V02 00  
F-2/11

## Capitão Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero\*

Nasceu na Cidade do Rio de Janeiro. Apresentou-se voluntária para a FEB, na Diretoria de Saúde do Exército, no prédio do então Ministério de Guerra, hoje Palácio Duque de Caxias, no centro do Rio de Janeiro. Realizou Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército, de janeiro a abril de 1944, sendo convocada como Enfermeira de 3ª Classe. Em junho de 1944 seguiu, via área, para a Itália, vindo a servir nos hospitais americanos, na Seção brasileira. Em agosto, por determinação do Comandante da FEB, junto com as demais companheiras enfermeiras, foi arvorada ao posto de 2º Tenente. Após a guerra, foi licenciada do Serviço Ativo e retornou à Prefeitura do Distrito Federal, onde serviu até 1957. Neste ano, por dispositivo legal, foi convocada para o Serviço Ativo do Exército, retornando no posto de 2º Tenente e classificada na Policlínica Central do Exército. Em 1962, foi promovida ao posto de 1º Tenente Enfermeira. Em 1963, deixou o Serviço Ativo, quando foi promovida a Capitão, ingressando na Reserva de 1ª Classe. Por sua participação na Segunda Guerra Mundial recebeu a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra.

---

\* Enfermeira, entrevistada em 13 de dezembro de 2000.

HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Inicialmente, gostaria de dizer do meu orgulho de ter pertencido a FEB, de ter tratado desses heróis, que foram os seus integrantes. Foi uma fase muito penosa, mas muito bonita na minha vida, cooperar com esses abnegados militares que tanto deram de si, alguns a própria vida, a maioria a sua própria saúde - física e mental - para melhorar a situação do povo brasileiro; foi um orgulho enorme.

No início da década de 1940, o ambiente no Brasil era de nervosismo e grandes preocupações. As notícias alarmantes veiculadas nos jornais da época ou transmitidas pelo rádio e os boatos espalhados pelos quintas-colunas amedrontavam e assustavam a população. Por toda a Pátria, muito embora estivessemos distantes dos campos de batalha em que a humanidade se envolveu, choravam-se as vítimas inocentes dos impiedosos torpedeamentos dos navios mercantes em nosso litoral, enquanto inúmeros lares brasileiros eram assolados pela dor e pelo luto.

A reação de nossos dirigentes, com a organização da FEB, deu início a um novo período. Foi como um bálsamo, um alicerce que fortaleceu a todos que, orgulhosos, ficaram confiantes nos patrícios que seguiriam para terras estrangeiras, totalmente desconhecidas da maioria para participar dos mais difíceis combates junto às tropas aliadas, independente das dificuldades lingüísticas e dos costumes. Não éramos filhos de terra medrosa, mas de um País de temperamento forte, de defesa e reação.

A minha participação na Força Expedicionária Brasileira teve início quando o jornal *O Globo* publicou a convocação do voluntariado. Apresentei-me no Ministério da Guerra, na Diretoria de Saúde do Exército, cujo diretor era o General Médico Dr. Afonso de Souza Ferreira. Após minha inscrição, e cumpridas todas as exigências, comecei o "Curso Intensivo de Emergência para Enfermeiras da Reserva do Exército", CEEREX, que tinha como diretor, o Major Médico Dr. Augusto Marques Porto.

O curso para a primeira turma funcionou no Rio de Janeiro. Na Diretoria de Saúde do Exército, no segundo andar do edifício do Ministério da Guerra, foram ministradas as aulas teóricas de Enfermagem, Regulamentos Militares e de Continências e Sinais de Respeito. Na Escola de Educação Física do Exército, na Fortaleza de São João, foram ministradas instruções de Educação Física, Treinamento de Guerra, Natação e Ordem Unida. Os estágios hospitalares eram feitos diariamente no Hospital Central do Exército. Depois, com jovens oriundas de diversos estados como Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Paraná e reunidas no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, outras turmas foram formadas.

Mas dentre todas as enfermeiras somente 67 foram consideradas aptas pela FEB, sendo 61 hospitalares e seis especializadas em transporte aéreo. Estas foram encarregadas da assistência entre Nápoles e os Estados Unidos, treinadas na Base da Força Aérea Brasileira, em Natal, Rio Grande do Norte.

Fomos incorporadas ao efetivo do Corpo Expedicionário, então em formação, como enfermeiras de terceira classe e nos apresentamos ao General Mascarenhas de Moraes no QG da FEB. Recebemos todas as vacinas necessárias para entrarmos na rotina dos treinamentos para o emprego em campanha. Treinávamos Ordem Unida no Colégio Militar com o Capitão Carlos de Meira Mattos, nosso instrutor. Percebíamos, então, a remuneração de Terceiro-Sargento. Nossos vencimentos eram divididos em três etapas: setecentos mil réis ficavam a nossa disposição, a mesma quantia era destinada a uma pessoa da família e igual quantia era depositada no Banco do Brasil.

A partida para o Teatro de Operações na Itália foi feita obedecendo ao maior sigilo. Após três tentativas, o embarque finalmente aconteceu. Cinco enfermeiras foram escolhidas para integrar o destacamento precursor: Antonieta Ferreira, Carmem Bebiano, Inácia de Melo Braga, Elza Cansação Medeiros e eu, Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero.

Comandadas pelo Major Médico Dr. Ernestino Gomes de Oliveira, partimos na madrugada do dia 7 de julho de 1944, do Aeroporto Santos Dumont, com destino à Base Aérea de Parnamirim, em Natal, no Rio Grande do Norte. Pernoitamos naquela base e, no dia seguinte, no mesmo avião deixamos ao longe o território brasileiro, costeamos o litoral Norte da África e aterramos em diversas bases americanas. Pernoitamos em algumas e em outras permanecemos apenas tempo suficiente para abastecer o avião. Em Argel, tomamos conhecimento de que iríamos servir nos hospitais americanos e permaneceríamos na Itália.

Fizemos então a travessia do Mediterrâneo em um quadrimotor norte-americano, chegando a Nápoles ao cair da tarde, onde foi muito difícil encontrar hospedagem. Hospedamo-nos no 11ª andar do Hotel Terminus, próximo à Baía de Nápoles, para passarmos a noite. As portas do hotel estavam emperradas, o elevador não funcionava e as paredes estavam rachadas. Nessa mesma noite, tivemos o nosso "batismo de fogo", pois houve um forte bombardeio. Foi horrível nossa primeira noite, em Nápoles.

Na manhã seguinte à nossa chegada, fomos apresentadas como Enfermeiras de 3ª Classe pelo nosso chefe, Major Ernestino, ao Coronel Emanuel Marques Porto, Chefe do Serviço de Saúde da FEB, que veio ao nosso encontro no saguão do hotel. O Coronel determinou que usássemos as estrelas do posto de 2ª Tenente no uniforme de gabardine verde-oliva. Não poderíamos, como enfermeiras civis, compartilhar do âmbito das enfermeiras americanas, que eram oficiais. Esta medida tomada pelo Coronel Marques Porto teria que ser confirmada pelo Comandante da Força Expedicionária Brasileira, o General Mascarenhas de Moraes. Apresentadas ao Coronel Wood, Diretor do 182ª *General Hospital*, começamos logo a trabalhar.

BR RJ CO C VP 0407 F-5na

## HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Quando o General Mascarenhas de Moraes chegou, com o 1º escalão, tomou conhecimento da providência tomada pelo Cel Marques Porto, aprovando-a integralmente. No Boletim Nº 9 da FEB - Escalão Avançado, foi publicado o seguinte texto: "Considerando a situação em que se encontram as enfermeiras brasileiras, sob o ponto de vista hierárquico, em relação às americanas, no âmbito em que servem, resolvo arvorar ao posto de 2ª Tenente, sem vantagens pecuniárias do posto, as Enfermeiras de 3ª Classe: Antonieta Ferreira, Carmem Bebiano, Elza Cansação Medeiros, Inácia de Melo Braga e Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, servindo nos hospitais americanos, as quais passarão a usar a insígnia correspondente. General João Baptista Mascarenhas de Moraes, General-de-Divisão Comandante."

O segundo problema foi com os uniformes de serviço e as roupas íntimas que nos foram determinadas levar. Ao partirmos do Brasil, não havíamos ainda recebido os uniformes de serviço; assim, tivemos que trabalhar com o uniforme verde-oliva, composto de saia-calça de brim, camisa e gravata, que não era nada funcional no calor intenso dos dias de julho, em solo italiano. Somente depois de vinte dias de trabalho recebemos o uniforme de serviço vindos do Brasil. Era um vestido tubinho, um avental bem franzido com enormes bolsos e um pano triangular para amarrarmos na cabeça. Tudo confeccionado em algodão na cor chumbo escuro e que não atendia aos nossos manequins. Os uniformes pareciam verdadeiros espantalhos.

Após entendimentos entre o Coronel Marques Porto, que nos fez a entrega dos uniformes, e o Major Ernestino, nosso chefe, e os dois com o Coronel Wood, chefe americano e a Enfermeira-Chefe, Capitão Miss Parkson, ficou decidido que usaríamos o uniforme de verão americano com as insígnias brasileiras. Em passeio, só nos seria permitido o uso do uniforme brasileiro verde-oliva.

O problema das roupas íntimas também foi muito difícil para nós, por não ter sido permitido levar as que usávamos na época no Brasil, que era a normal. As peças foram padronizadas e o local da compra determinado.

Nos hospitais americanos, o banho era feito em uma enorme barraca dividida em boxes abertos e em conjunto com as americanas, que desfilavam com suas roupinhas de látex iguais as que usávamos no Brasil, mas que não nos fora permitido levar para a Europa. Como não nos sentíamos com coragem de enfrentar o vexame de exibir as calcinhas de malha de algodão, que desciam abaixo dos joelhos e os sutiãs verde-oliva e para não nos desmoralizarmos, passamos a tomar o banho à noite, quando não mais funcionava a água quente e as luzes dos banheiros estavam apagadas. Dessa forma, perdíamos a oportunidade de usufruir o rico e farto material fornecido como sabonetes cheirosos, os xampus e outros artigos. Aproveitávamos o momento para lavar a nossa roupa íntima, nas máquinas de lavar roupa existentes no banheiro do hospital.

BR RJ COC VA 04.07 V02  
F-6/11

Havia empregadas italianas que se incumbiam de lavar e passar as roupas, entregando-as nas tendas em troca de uma gorjeta. Também essa mordomia perdemos. Nosso problema só foi resolvido, quando fizemos camaradagem com as companheiras americanas que nos levaram às suas cantinas para fazermos um estoque de roupas íntimas.

Esses foram, basicamente, os problemas que enfrentamos em nossa chegada. O clima não foi motivo de preocupação, pois o calor era intenso. Quando o inverno chegou, já estava equipada para enfrentar com coragem os dias frios. Aos poucos nos sortimos do necessário para nos mantermos agasalhadas. Os hospitais americanos eram bem abastecidos com lareiras, agasalhos e mantas e tinham uma organização fabulosa. Nas mudanças, todo o hospital era desarmado e, americanos e brasileiros trabalhavam todos juntos. Quando saíamos do hospital, não precisávamos ir ao comando para saber onde iríamos servir. Se eu fosse para um hospital de evacuação, se eu era da enfermaria três, procurava a enfermaria três e assumia. Já ia recebendo os meus doentes e começava o meu trabalho.

Ao baixar, os doentes recebiam pijamas de flanela, meias e mantas de lã. Só não tínhamos colchões. Não usávamos colchão nos nossos acampamentos, nem nas enfermarias, somente nas barracas dos grandes chocados. Nosso colchão era nossa cama-rola, onde colocávamos nossa roupa de banho, uniformes e mantas. Assim, estávamos sempre prontas para o deslocamento desses hospitais de evacuação. Enrolávamos a cama rola e nos transportávamos para um novo local. Aqueles que baixaram nos hospitais americanos jamais sentiram frio, pois o hospital era abundante de material a ser distribuído enquanto estivessem baixados.

O desempenho das enfermeiras brasileiras sempre transcorreu muito bem. Aqui me excludo e descrevo as minhas companheiras. Orgulho-me do que vi e assisti. Muito me emocionavam os comentários ouvidos dos baixados que foram atendidos por companheiras que serviam em outros hospitais que não o meu, incluindo companheiras vindas de outros estados, a quem não tive a oportunidade de conhecer no Brasil. Sentia por elas respeito e um profundo carinho. O desvelo no atendimento podia ser aquilatado pelo depoimento daqueles que tiveram a prestimosa presença da enfermeira brasileira no seu leito de dor. Eram elogios que muito enobreciam a nossa classe e enchiam de orgulho quem partiu com o mesmo ideal. É gratificante saber que em todas as Seções Brasileiras dentro dos hospitais americanos eu tinha companheiras competentes, compreensivas e caridosas, que espargiam o seu amor, o seu carinho e que em todos os cantos a sua ternura estava presente para cuidar dos valorosos irmãos que tão sacrificados se expunham aos maiores perigos. Assisti a verdadeiros anjos tutelares, em cabeceiras de moribundos, de grandes sofredores, se exaurirem com seus cuidados, com sua competência e sacrifício.

BR RJ COC VP. 09.07.02. 102.  
F7/1a

Muitas vezes, ao largarmos o serviço e voltarmos juntas para nossa barraca, eu e minhas companheiras voltávamos abatidas, sofridas, cansadas pelo esforço e penalizadas com o que presenciávamos em nossas enfermarias. Analisava, profundamente, a dedicação, o sentimento de minhas companheiras e confesso que em gratidão as beijava com o coração.

Fomos numa missão de amor, voluntárias num continente tão diferente do nosso. Sentimos frio, calor, trabalhamos, sofremos, mas tivemos, também, horas alegres, grandes recuperações, recreações, magníficas cartas dos nossos entes queridos; conhecemos lindas cidades nas sucessivas transferências de hospital ou em nossas horas de folga, porém a lembrança dos nossos doentinhos marcava as nossas vidas e não mais, como eles, esqueceremos os dias tristes na Itália.

Não só o atendimento prestado pelas companheiras brasileiras foi de grande valor, mas, também, o que foi prestado pelas enfermeiras americanas. Brasileiros, aliados ou inimigos todos recebiam piedade cristã e incluo neste depoimento os maravilhosos sargentos-enfermeiros. Competentes, cumpridores das suas obrigações, foram auxiliares fora de série do Serviço de Saúde e cooperaram conosco, enfermeiras, em alto grau. Nas minhas horas de folga, percorria as enfermarias, a sala de operações, a barraca dos chocados, a triagem e sempre presenciei o atendimento e o interesse dessa plêiade de brasileiros abnegados que constituíram o Serviço de Saúde da FEB - médicos, enfermeiras e sargentos-enfermeiros - e tenho por todos o mais profundo respeito. De grande valor técnico, competência e muito bem preparados, deram verdadeiras demonstração de preparo. Desdobravam-se em sacrifícios e vigílias.

Os pacientes nos transmitiam notícias da bravura, da coragem, da disciplina, da iniciativa e da resistência à fadiga dos combatentes. Algumas vezes, as notícias também nos eram transmitidas pelos alto-falantes ou por oficiais que compareciam em suas horas de folga para visitar os homens sob seu comando. O brasileiro, povo inteligente e capaz, rapidamente se adaptou e o espírito de luta de sua oficialidade conseguiu transmitir à tropa o destemor e o desejo de vencer, que foi a nota principal na busca do sucesso, apesar das adversidades e de todas as dificuldades.

Nos soldados baixados senti sempre a veneração por seu Comandante, seu Capitão, seu Tenente e seu Sargento. A ânsia de retornar ao convívio dos companheiros era enorme, demonstrando o espírito de coesão de que se achavam imbuidas nossas tropas. Vibrava em poder atendê-los, pois compensavam com suas bravuras, o meu sacrifício em oferecer-lhes a melhor atenção que pudesse. Os bravos baixados mexiam com a minha sensibilidade, e o esforço para dar-lhes o melhor atendimento era extraordinário. Precisei revestir-me de coragem e de um ânimo descomunal para assistir e confortar os pacientes feridos. O moral dos baixados era enorme. Ao mesmo

ca,  
o e  
da-  
ti-  
  
do  
ras  
eri-  
em  
sas  
  
nde  
ali-  
vi-  
am  
em  
s, a  
ssa  
édi-  
pei-  
iras  
  
na,  
cias  
iam  
ovo  
ade  
nci-  
  
seu  
pa-  
das  
s, o  
dos  
nto  
para  
smo

tempo em que eu procurava transmitir-lhes coragem, recebia em troca a força que eles me davam para reagir às horas difíceis de serem vividas para ambos. Muitas vezes, corria a minha barraca para chorar um pouco e desabafar a minha angústia. Chorava, rezava, desabafava-me. Que absurdo a guerra! Homens tão jovens, tão cheios de vida e de esperança e tão machucados pelo destino! A coragem e a força desses homens, entretanto, eram maravilhosas, suportando o sofrimento com altruísmo.

Cheia de cuidados e responsabilidades, tratei-lhes o físico e o moral, agradecendo a Deus por ter-me guiado a tais paragens e me proporcionado forças para poder aliviar-lhes as dores com minhas próprias mãos. Que orgulho poder cuidar de um herói! Em vez de lágrimas nos olhos, eu lhes sorria e a todos encorajava pelos valores que deles emanavam. Sabia que se demonstrasse apreensão, o reflexo na enfermaria seria ruim. Fingia alegria, transmitindo-lhes paz, porém me doía, profundamente, ver aqueles meninos tão machucados. Com o auxílio de mantas e travesseiros, conseguia amenizar-lhes os padecimentos.

Em geral, nos hospitais de evacuação fazíamos o possível para que as mutilações não fossem notadas pelas vítimas. Na sala de operação, a equipe médica completava com grande maestria os membros amputados, preenchendo-os com gesso para que não fossem notados pelos pacientes. No início, não pressentiam a mutilação. Queixavam-se de dores em membros que já não existiam. Através de suas papeletas e na visita médica éramos sempre informadas do ocorrido, porém, muitas vezes, um companheiro desavisado chegava para visitar um amigo e deixava transparecer o ocorrido. Quando isso acontecia, era de fato muito difícil controlar a situação, para que não se tornasse mais séria.

O primeiro doentinho que faleceu na minha enfermaria, estava muito ferido pela detonação de uma mina. Semiconsciente, agarrado em minha mão, que lhe enxugava o suor frio, falava descontraído e eu entendia apenas uma palavra ou outra. Mesmo quase sem forças, senti que queria levar minha mão aos lábios e não fiz qualquer reação. Encostou-a nos lábios e entre palavras desconexas balbuciou o nome "Geraldá". Com muito custo ouvi-o também falar sobre os registros dos "molequinhos". E muita coisa ele disse que eu não entendi. Beije-i-lhe a testa e ele se acomodou, passando do sono para o céu. Fiquei muito emocionada e chorei muito. No dia seguinte ao seu enterro, fui com Sílvia Marques ao cemitério, que ainda estava sendo arrumado e atendido pelo nosso Capelão Padre Noé. Fizemos uma coroinha com as flores que encontramos pelo caminho e depositamos em sua cova em nome de sua "Geraldá" e dos seus filhinhos. Tinha o seu nome anotado, mas extraviou-se juntamente com minha bagagem. Procurei de todos os modos recompor o ocorrido, porém em vão. Trago sempre guardada em minha memória a sua fisionomia, era bem escuro e tinha o cabelo encaracolado.



O apoio religioso à tropa combatente também se fez presente através dos padres católicos e dos pastores protestantes. Na beleza desse apoio, muitas vezes presenciei o padre católico e o pastor protestante comparecerem juntos a uma enfermaria, o Capelão Padre Noé Pereira e o João Sorem, protestante. A simplicidade de suas presenças, o carinho e o apoio levantavam sempre a moral de nossos heróis. Eriçamos um altarzinho na enfermaria que estivesse mais lotada de pacientes que não pudessem se locomover e ali as missas eram rezadas. As bênçãos e orações proferidas, nos davam, a nós do Corpo de Saúde e aos doentes, forças para enfrentar o dia-a-dia. No Cemitério de Pistóia também davam sempre um lindo exemplo de solidariedade cristã. O serviço religioso muito ajudou toda a FEB a suportar as agruras por que tinha que passar.

A adaptação do Serviço de Saúde ao trabalho, apesar da exigüidade do tempo, não deixou espaço para a deficiência. Embora o conforto que desfrutávamos fosse muito maior, do que o do pessoal da tropa, a adaptação foi perfeita. Pudemos exercer nossas atividades na sua plenitude, graças ao americano que, na sua organização perfeita, recebeu-nos de braços abertos. Convivemos com pessoas oriundas de um povo admiravelmente desenvolvido, com acentuado espírito de camaradagem. O material dos hospitais americanos era farto; a alimentação primorosa e o conforto notável, cooperando para o sucesso - o mister de salvar vidas. O nosso Serviço de Saúde somente teve de se adaptar à rotina dos hospitais e seguiu-la totalmente.

Assim, como o convívio com os americanos, o meu relacionamento com a população local foi perfeitamente bem-sucedido. Numa cidade ocupada, destruída, a população oprimida, tivemos oportunidade de lidar com a mulher italiana que sempre, muito amável, vinha ao hospital em busca de trabalho para o seu sustento.

Preciso destacar neste depoimento a figura de Vicentina, minha lavadeira. Ela era a esposa de um diplomata muito chegado a Mussolini. Mulher bonita com seus olhos azuis-claros sempre marejados de lágrimas, a fisionomia triste. Pude observar de perto como sofria ao assistir à destruição de sua querida Itália. Sentida, com profundo respeito e dignidade patriótica, sem quaisquer notícias do esposo que fugira em virtude da guerra, a bonita Vicentina aguardava na companhia dos dois filhos pequeninos, em uma bela casa em Pistóia, o retorno do esposo ao lar. Para viver honestamente, precisava trabalhar. Com uma cestinha de palha portando ovos e uvas para vender apareceu um dia no hospital: *Algo per lavare, estirare?* Notava-se em sua voz amargurada a agonia que trazia trancada no coração. Dizia ela: *Itália primo bella... Ahora tutto distruto, tutto rubinato...* Assim, apelava para que lhe dêssemos um trabalho para o sustento de seus *bambini* até o retorno do esposo. Não queria dinheiro em pagamento, queria açúcar, café, pão, chocolate e cigarro. Vicentina

criava em sua casa coelhos e galinhas, preparando-nos então, nos nossos dias de folga, suculentos almoços em sua casa: bife à milanesa, macarrão ao suco e frutas. E se sentia compensada com os chocolates e cigarros que recebia em pagamento.

Guardo dessa linda criatura uma imagem da honra e bondade da mulher italiana que não se deixou corromper com os horrores da guerra, que assistiu com dignidade à destruição de sua linda Itália. Pude observar, bastante e de perto, como a cidade estava sofrendo. Cidade onde os detalhes da arte se impunham, vê-la destruída... ocupada... Outras raças mandando e pisando seu solo com desembaraço imponente, fazendo sofrer assim, grandemente, o povo oprimido da cidade ocupada. Acima de tudo, vi de perto o valor desta mulher italiana durante os cinco meses em que servi no Hospital de Pistóia.

Com o avanço das tropas, mudei do Hospital de Pistóia para o hospital da Cidade de Corvella. Trouxe um peso de papel de vidro que ela me deu de recordação, que conservo até os dias de hoje, e gravado o exemplo digno desta mulher italiana.

Também travei contato com o inimigo alemão. Embora fossem inimigos ferozes no campo de combate, tratei-os com a dignidade que a minha profissão exige. Foram sempre pacientes disciplinados que procuraram cumprir, integralmente, o regulamento exigido na enfermaria. Chegava com mutilações diversas, fraturas, surdez, grandes contusões. Procurei sempre atendê-los sem discriminação. Dediquei-lhes todo o conforto no atendimento, alimentei-os e mediquei-os em igualdade de condições com os nossos heróis baixados.

E, ao me referir aos heróis baixados, não poderia deixar de destacar meu primo-irmão Helio Portocarrero, que deu baixa no hospital onde eu servia, quando do ataque a Montese.

Coube ao 6º e ao 11º Regimentos de Infantaria a missão de atacar o maciço de cristas conhecidas pelos nomes de Montebufone, Serreto e Montello. O terreno estava todo minado. Foi uma noite tenebrosa. O hospital ficou lotado de baixas. Meu plantão foi exaustivo e trabalhei toda a noite do dia 14 de abril, por coincidência data do aniversário de minha adorada mãezinha. Após passar o serviço para minha colega, às sete horas da manhã, me dirigi ao refeitório para tomar o café da manhã. Peguei a bandeja e fiquei na fila esperando a vez de ser servida. Atrás de mim estavam o Tenente Médico Lyra e o Capitão Monteiro num papo animado. Também haviam trabalhado a noite inteira e estavam como eu, largando o plantão. Comentavam o enorme número de baixas e entre os baixados diziam estar um Portocarrero. Nem perguntei quem era o Portocarrero baixado, larguei a bandeja e corri para a enfermaria, onde estavam os baixados, sendo classificados segundo a gravidade de seus ferimentos, a fim de seguirem para a sala de operações.

HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Alguns tinham a cabeça coberta, pois tinham entregado sua alma a Deus; outros, já com o tratamento iniciado, tomavam sangue. A minha angústia era enorme, pois só poderia ser um dos meus priminhos queridos: ou o Helio, que comandava a 3ª Companhia do 6º RI, ou o Heraldo que era Observador Avançado na Artilharia. Fomos criados todos juntos como verdadeiros irmãos. Procurei por toda a enfermaria, um por um, até que encontrei o Helio. O desespero se apoderou de mim ao vê-lo todo ensangüentado coberto por um lençol e um cobertor ensopados de sangue. A noite inteira atendera a casos graves e, já exausta, descontrolei-me.

Helio era uma pessoa calma e tentava me acalmar dizendo, na sua maneira compassada de falar, que não era nada grave: "Fica quieta. O meu caso é simples. Estou bem. Não faça escândalo." A essa altura, eu já chorava cheia de emoção querendo tudo fazer por ele. O Tenente Pio, o médico de plantão, tentou me confortar dizendo que o caso do Helio era simples. Mas corri aflita até ao comando pedindo um atendimento rápido para o Helio, pois era meu irmão. Que desespero! O Major se apressou em atender e foi à enfermaria vê-lo. Uma vez lá, o Tenente Pio lhe disse que o Helio já havia sido examinado e estava sendo cuidado de acordo com a classificação. Iria para a sala de operações na tarde do dia seguinte. Que agonia a minha! Como perdi o controle!

Devido à situação do hospital, o Major já pedira auxílio ao Serviço de Saúde e à tarde a equipe médica da sala de operações seria reforçada. Uma turma de médicos e enfermeiras vinda do Hospital de Livorno reforçaria os atendimentos do nosso hospital. Assim, o Helio foi operado nesta mesma tarde pelo Capitão Djalma Chastinet Contreiras, brilhante cirurgião em cuja equipe trabalhava a minha grande amiga e competente enfermeira Antonieta. Ao anoitecer, já no meu plantão, recebi-o em minha enfermaria. A radiografia confirmou fratura dos artelhos. Foram retirados sessenta e oito estilhaços, uns superficiais e outros mais profundos. Alguns ainda lá ficaram para não macerar os tecidos. Chegou à enfermaria ainda anestesiado e tomando soro, penicilina de três em três horas, sulfa e bastante líquido. Acomodei-o com cobertas, travesseiros e ele dormiu sossegado e bem tranqüilo.

Todos os baixados que serviram sob o seu comando o adoravam. Elogiavam a sua coragem e a maneira como os tratava. Eles adoravam o seu Capitão. Estavam sempre aflitos para ter alta e voltar para sua Companhia e seu comando.

No dia 18, Helio foi transferido para o 7ª *Station Hospital*, em Livorno. Coloquei-o na ambulância, acomodando-o com o carinho que sempre tive para com todos os meus doentinhos transferidos. Graças a Deus, o seu estado era bom. Bom pulso, respiração normal, sem febre, boa pressão arterial.

Foi uma situação difícil para mim, pois Helio é meu irmão. Nascemos na mesma casa e nos criamos juntos. Que aflição ao vê-lo tão ferido! Passou por várias

etapas de atendimento: primeiro, foi socorrido pelo Batalhão de Saúde, depois, foi operado no 16ª *Evacuation Hospital*, em Pistóia. Em seguida, foi para o 7ª *Station Hospital*, em Livorno. Mais tarde seguiu para o 300ª *General Hospital*, em Nápoles, para fazer uma revisão da operação. Depois, foi para Casablanca, na África e por último, para o Hospital Central do Exército, no Brasil.

O ponto mais avançado por onde andou o Serviço Hospitalar brasileiro foi em Parolla, no Vale do Rio Pó, para onde se transferiu o 38ª *Evacuation Hospital*, sem antes estacionar, alguns dias, em Salsomaggiore. Na Campanha desenvolvida nesse vale, particularmente em Collecchio-Fornovo, tivemos grandes baixas e o hospital ficou lotado de brasileiros, americanos e um número enorme de alemães.

A simples chegada de uma ambulância vinda da linha de frente a todos angustiava. Muitas vezes, dava entrada em nossas enfermarias um irmão que horas antes soubéramos ser dos mais bravos e saudáveis patrícios. Vezes havia em que já os conhecêramos no Brasil, ou mesmo na Itália. Homens plenos de confiança no futuro, mas que depois, em razão da guerra, em conseqüência de uma granada detonada atingindo-o e ferindo-o, ficavam marcados para o resto da vida. Nós os recebíamos com angústia e apreensão.

Assim, deu entrada em nossa enfermaria em Pistóia o bravo Tenente Mário Márcio, o campeão de corridas do Atletismo universalmente consagrado, que tão alto já elevara o nome da nossa Pátria. Atingido, precisamente, nas pernas, mais uma gloriosa vida estava próxima de ser encerrada, exigindo-nos um verdadeiro trabalho de dedicação e paciência.

Por melhor que procuremos relatar o trabalho de uma enfermeira nos campos de batalha, sempre, encontraremos dificuldades para um relato mais preciso.

Impressionou-me muito o valor moral de nossa tropa e o entusiasmo que sempre senti da parte de todos. Era o que me transmitiam os companheiros que nas horas de folga chegavam ao hospital para visitar um amigo baixado, fosse ele um graduado, fosse um simples soldado. O mesmo sentimento portava os que chegavam baixados ao hospital. Mutilados, muitas vezes com ferimentos sérios, traziam a ânsia de recuperar-se. Queriam voltar a ocupar o seu posto, não perder o seu comandante e os seus companheiros de luta. O retorno a sua perigosa função era um desejo constante e predominava em todos o entusiasmo que sentiam em poder cumprir missões tão perigosas.

O apoio logístico que recebi foi magnífico, pois servi em seções hospitalares que funcionavam dentro dos hospitais americanos. Todos os direitos que eram dados às enfermeiras americanas, eu os usufruí. A noção de organização era perfeita. Nas mudanças, a engenharia escolhia o terreno do novo hospital e os especialistas em

HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

detonação de minas agiam com maestria, saneando o terreno. Marcavam com faixas de tinta branca todo o local por onde sem perigo poderíamos transitar.

O transporte era feito em numerosos caminhões que carregavam todo o material que era desmontado pelo pessoal técnico do próprio hospital. Todos cooperavam carregando suas bagagens. As barracas eram ocupadas por quatro enfermeiras, duas de serviço e duas de folga. Estas carregavam a sua bagagem e as das outras companheiras, de serviço. Aquelas se incumbiam de arrumar os doentes, a fim de serem removidos para hospitais na retaguarda, além de embalar todo o material de consumo e medicamentos que estivessem na enfermaria. Esse material era arrumado em pequenos armários, fechados e colocados nos caminhões a que fossem destinados por espécie. Todo o material usado diariamente nas enfermarias era requisitado pelas enfermeiras na barraca de suprimento, que imediatamente as atendia.

Ao baixar, os pacientes sempre recebiam pijamas, toalhas de rosto e banho, sabonete e roupão, chinelos, meias e mantas de lã, que eram substituídos diariamente e entregues à lavanderia. Assim, tínhamos a nossa enfermaria em perfeita ordem, sempre em dia, aguardando uma mudança rápida. A turma de sargentos-enfermeiros e praças desmontava os catres e os colocavam nos caminhões também por espécie. As grandes barracas de enfermaria, as barracas do acampamento, enfim o hospital inteiro era desmontado e colocado em grandes caminhões também por espécie, para que fossem transportadas para um novo local. Os últimos caminhões levavam o pessoal de serviço. Assim era desmontado o hospital.

A alimentação em todas as dependências que pertenciam ao V Exército era a mesma. Era uma alimentação farta, saudável, sempre acompanhada de refrescos, vitaminas, sais minerais e comprimidos. Nas enfermarias, também era distribuído da mesma maneira.

O aquecimento em todas as dependências era feito por lareiras a óleo, controladas pelo pessoal americano. Quem teve a oportunidade de servir ou baixar nos hospitais durante o inverno não sentiu frio e foi fartamente aquecido. A Cruz Vermelha sempre deu também o maior apoio em distrações em todos os hospitais.

Durante a guerra, também foram realizados os transportes de feridos de Dacar a Natal e de Natal a Miami. Uma vez capacitadas para terem sobre sua guarda um avião carregando feridos, 24 em média por avião, as enfermeiras do ar foram apresentadas ao Serviço de Saúde, em Nápoles, em janeiro de 1945. Contando o serviço de evacuação aérea da FEB, somente com seis enfermeiras especializadas, pode-se imaginar o sacrifício exigido, como o relatado no livro *A Mulher Brasileira na Segunda Guerra Mundial*, da Capitã Olimpia de Araújo Camerino, página 118. A evacuação dos feridos e doentes era feita, ordinariamente, em quatro etapas, a saber: Nápoles-

Casablanca, Casablanca-Dacar, Dacar-Natal, Natal-Rio. Trabalhando em conexão com a ATC - *Air Transport Command*, o Serviço de Evacuação Aérea da FEB utilizava-se de aviões norte-americanos para a travessia do Atlântico e de aviões da FAB para o transporte Natal-Rio, onde os feridos e os doentes eram apresentados diretamente ao Hospital Central do Exército.

As enfermeiras do ar eram: Dirce Ribeiro da Costa Leite, Joana Simões de Araújo, Lenalda Lima Campos, Maria José Vassimon de Freitas, Sara de Castro e Semíramis de Queiroz Montenegro.

Conheci, também, alguns elementos do 1º Grupo de Aviação de Caças e da 1ª Esquadilha de Ligação e Observação, a nossa 1ª ELO, quando visitavam amigos hospitalizados. Vibrava com as notícias fornecidas pelo alto-falante sobre seus gloriosos bombardeios e ações de combate aéreo. Foram verdadeiros exemplos de patriotismo, coragem e ação.

A propaganda durante a Segunda Guerra Mundial na Itália visando a envolver a moral do oponente, foi muito bem-feita nas unidades febianas. Mas o programa Auriverde, da propaganda alemã, interferia no rádio da enfermaria e a inescrupulosa Margarida Hirschman, brasileira como eu, em vez de lançar no ar frases de patriotismo, lançava, com disfarçada bondade, frases para tirar o estímulo, revoltando nossos baixados. A maquiavélica mulher primeiro elogiava a bravura do soldado brasileiro, dizendo: "Ontem foste um bravo", logo em seguida completava para ferir o moral: "Amanhã, quando regressares ao Brasil, receberás como prêmio desta mutilação e desta bravura um par de muletas e bilhetes de loteria para venderes na Praça Tiradentes". Apressava-me a desligar o rádio e um sargento ruivo, baixinho, gordo, bem avermelhado e cheio de sardas, um homem de espírito forte, cantava alguns versos desfilando e dançando pela enfermaria para melhorar o ambiente: "Aonde está a sua linda bicicleta, Maria? *Tedesco portare via.*" As fisionomias endurecidas pelo sofrimento e revolta tornavam a sorrir de suas graças. Às vezes, essa brasileira infame dizia: "Vocês não acham muito melhor viver no Sol tropical do Brasil do que neste lodaçal nojento?" Mas essas são notas tristes e o importante foi que o soldado brasileiro era um bravo, um patriota, um destemido que ajudou a escrever a História com seu sangue.

No fim da guerra, eu estava no 38ª *Evacuation Hospital*, em Parolla, no Norte da Itália. O Capitão Médico, Dr. Chastinet Contreiras, passava em visita para transferir os que pudessem ser locomovidos para o 7ª *Station Hospital*, em Livorno, na retaguarda, a fim de receber outros pacientes, quando recebi a notícia do cabo São Paulo Filho, que trabalhava comigo em duas enfermarias, uma americana e a outra de brasileiros e alemães. No primeiro momento, pensei que fosse uma brincadeira,

X /

←

São Paul. Filho

HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

porém houve uma transformação pelas enfermarias lotadas, que comportavam senta leitos cada uma. Era um misto de alegria e sofrimento. Uns pulavam, gritavam, assobiavam, outros choravam de emoção. Ouviam-se comentários no alto-falante, músicas tocavam. Às 12 horas, a barraca de refeições estava lotada. Isso não acontecera, pois todos faziam as refeições em horários alternados e sempre encontrávamos lugar para sentar. Naquele dia, nada. Uns estavam de pé, outros sentados até do lado de fora em fila, com a bandeja e os talheres na mão, cada um queria mais que o outro. Os baixados davam vivas.

✳  
→

Era o grande dia, 8 de maio de 1945. Eu estava atordoada, achando impossível. Parecia um sonho, mas era verdade, sim. A guerra acabara. Viva o nosso soldado brasileiro! Estava trêmula de emoção e os doentes eufóricos gritavam e se abraçavam. O Cabo São Paulo Filho, um menino apenas, estava super alegre! Os baixados que podiam andar saíam das enfermarias, sem ordem, para bater papo com os amigos de outras enfermarias.

O alto-falante fazia comentários mirabolantes, falava da rendição. Os baixados alemães estavam sérios e quietos e os americanos assobiavam e davam gritos. Foi uma festa. No hospital ninguém se entendia e meu coração batia descompensado. Meu Deus! Parecia um sonho me conscientizar de que voltaria para bem perto do papai e mamãe, para o meu querido Brasil.

E continuamos a nossa missão, incluindo em nossa assistência o atendimento aos prisioneiros alemães feridos. O hospital lotado de grandes mutilados não deixava sentir o prazer do término da guerra. Devido ao intenso trabalho, permanecemos em Parolla até o dia 3 de junho de 1945.

As despedidas foram tocantes, nos reunimos na sala de refeições e houve uma confraternização muito bonita. Todos estavam muito contentes. O Coronel Diretor do Hospital, convidou-nos, a mim e a diversos outros presentes, para trabalharmos com ele em uma clínica que possuía nos Estados Unidos. Nós, enfermeiras, trocamos endereços. Na enfermaria dos americanos, eram muitos assobios e gritos, falavam em Copacabana Beach, no Presidente Getúlio Vargas, Carmen Miranda, café e samba.

Na enfermaria alemã, prestaram-me uma homenagem que me emocionou muito. Estávamos no início da primavera e, quando entrei na enfermaria, cantaram uma canção em alemão que eu não compreendia, mas que me pareceu ser de agradecimento e bons desejos, ofertando-me cada um uma florzinha colhida na relva do próprio hospital. Nela, amarravam uma tirinha de papel com seu nome e a expressão, em português, "muito obrigado". No Brasil, recebi uma carta do Capitão alemão que estava sempre me ajudando. Escreveu-me, participando o casamento, o nascimento do primeiro filho e agradecendo pelos cigarros e o tratamento que lhe dei.

São Paulo Filho

BR RJ COC VP 04.07 VOR  
F.11/  
19

CAPITÃO VIRGÍNIA MARIA DE NIEMEYER PORTOCARRERO

Depois de evacuarmos os baixados, em consequência do Ofício Nº 1.879 do Coronel Chefe do Serviço de Saúde da Força Expedicionária Brasileira, fomos então excluídas do estado efetivo da Unidade, a fim de seguirmos para o Brasil. Fomos transportadas em caminhões 3/4t e nos recolhemos ao 7ª *Station Hospital*, na Cidade de Livorno, onde pernoitamos. No dia seguinte, seguimos no mesmo caminhão, logo ao amanhecer, para a Cidade de Nápoles.

O trajeto para Nápoles era feito em dois caminhões 3/4t que seguiam juntos. Um, com doentes incapacitados e outro, com enfermeiras. A manhã estava chuvosa e havia pouca visibilidade no local. Na estrada que une Livorno a Nápoles, o caminhão que levava os doentes passou por sobre uma mina e, desgovernado, fez mais algumas vítimas. O soldado Ataulpa Pereira Leite faleceu no local e outros tiveram apenas ferimentos leves. Nós os socorremos com os poucos recursos de que dispúnhamos. O jipe que conduzia o comboio continuou para Livorno a fim de conseguir recursos e evacuar os doentes. Assim, aguardamos em plena estrada, rezando e atendendo os companheiros feridos, mais uma vez, e seguimos então para Nápoles com os companheiros incapacitados que escaparam dos ferimentos.

Nós, enfermeiras, fomos hospedadas no *Volturno Hotel*, onde permanecemos dois dias por determinação do comando, fazendo nossas refeições na cantina *Bonoscontro*, nas proximidades do hotel. Fomos convocadas a comparecer ao Posto Regulador Brasileiro, onde recebemos instruções sobre a bagagem e como proceder em relação ao câmbio do dinheiro para a viagem. Soubemos que o excesso de bagagem entregue ao Posto Regulador de Nápoles chegou ao Brasil e foi entregue no *Hospital Central* do Exército, no Rio de Janeiro, mas nada recebemos de volta. Nem cartas, nem lembranças, ou quaisquer outras coisas. Perdemos tudo. Foi a única nota triste que posso relatar. Foi um desrespeito conosco dentro do nosso próprio País, as enfermeiras que voltavam de uma guerra.

Após pesarmos e entregarmos a bagagem em excesso, ficamos somente com a que nos foi permitida, mais quinhentos mil réis em dinheiro. No dia imediato, às 9 horas da manhã, seguimos em um avião em direção ao Brasil fazendo escalas no Norte da África. Passamos por Túnis e Casablanca, chegando finalmente à base aérea de *Panamirim*, em Natal, onde permanecemos aguardando o regresso para nossas *Cidades*. A prioridade era dos doentes evacuados.

O grupo que servia no 38ª *Hospital*, oriundo da Cidade de Parolla, no término da guerra era o seguinte: Antonieta Ferreira, Carmem Bebiano, Elita Marinho, Helene *Ramos*, Jurgleide Doris de Castro, Neuza de Melo Gonçalves, Novembrina Augusta *Cavalheiro*, Ondina Miranda de Souza, Sílvia Pereira Marques, Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero e Wanda Sofia Magewski.



HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Em datas anteriores, pequenos grupos, de acordo com os hospitais em que serviam, regressaram. Assim, o primeiro grupo a retornar, após o término da guerra, servia em Nápoles. Em seguida, o grupo que servia em Livorno constituído de: Acácia Cruz, Alice Neves Maia, Amarina Franco Moura, Elza Ferreira Viana, Fausta Nice Carvalhal, Haydée Rodrigues Costa, Ilza Meira Alkimim, Jacy Chaves, Lúgia Fonseca, Lindaura Galvão, Nícia de Moraes Sampaio, Nilza Cândida da Rocha e Virgínia Leite.

Quando retornamos para o Brasil, seis companheiras ficaram na Itália: Bertha Moraes, Elza Miranda, Jacyra de Souza Góes e Silvia de Souza Barros, oriundas do 38º *Evacuation Hospital*, de Parolla e Maria Aparecida França e Olímpia de Araújo Camerino, que pertenciam ao 7º *Hospital*, de Livorno.

Esse último grupo de enfermeiras regressou ao Brasil com a tropa no navio *James Parker*. Deixaram o Porto de Nápoles com o quinto e último escalão no dia 19 de setembro de 1945, chegando ao Porto do Rio de Janeiro em 3 de outubro de 1945.

A Capitã Olímpia de Araújo Camerino relata em seu livro, nas páginas 119 e 120, que também aguardava a vez para partir quando recebeu, juntamente com mais cinco companheiras, nova designação para o 35º *Field Hospital* instalado em Sparanise, cidade próxima a Francolise nos arredores de Nápoles, onde ficava o acampamento em que a tropa brasileira aguardaria o embarque de regresso à Pátria. Segundo ela, o hospital era pequeno e instalado em barracas, num local de impudismo, quente e pequeno. O trabalho era menor, porém a mesma organização e rotina mantida nos hospitais americanos era observada. As seis enfermeiras brasileiras continuavam em serviço atendendo à tropa acampada em Francolise. A vida era monótona no fim dessa jornada. A guerra terminara há quatro meses e não sabiam qual seria o dia de regresso. O frio se aproximava e a missão não estaria finda enquanto um só soldado brasileiro estivesse baixado.

Por último, veio a notícia de que o regresso ao Brasil seria no navio-transporte americano *James Parker*. Num hospital a bordo, seriam transportados os doentes do 35º *Field Hospital* remanescente. A missão na Itália finalmente terminara para as seis enfermeiras que retornaram com o 5º escalão. Mas no hospital de bordo a tarefa continuava com as escalas de serviço e a rotina hospitalar. As enfermeiras brasileiras foram as últimas a deixar o solo italiano, como também foram as primeiras a chegar. Em 3 de outubro, chegamos ao nosso querido Brasil. Tínhamos que preparar os doentes e entregá-los aos cuidados das companheiras do Hospital Central do Exército.

Voltando ao grupo vindo do 38º *Hospital*, na Cidade de Parolla, onde me vejo incluída, retorno a descrição do regresso. Ao chegarmos à base de Parnamirim em Natal, Rio Grande do Norte, já cumprira todas as formalidades. Trocamos o dinheiro

que trazíamos de lira para cruzeiro, correspondente a somente quinhentos cruzeiros. O restante do dinheiro que possuíamos fora depositado no Banco de Brasil, em Natal, e o receberíamos no Rio de Janeiro.

Para cumprir as determinações, fizemos um sacrifício louco. Fomos forçadas a restringir todos os gastos. Embora estivéssemos na base militar, pagávamos nossas refeições relativas à etapa de Oficial. Apesar de o preço ser muito pequeno, a quantidade com que podíamos contar era completamente deficiente. Vimo-nos em muita dificuldade e não era absolutamente possível fazer todas as refeições. Isso depois de enfrentarmos uma guerra, vivendo em hospitais americanos, onde éramos bem alimentadas e ainda sob a fiscalização das chefes americanas, que nos obrigavam a fazer uso de complementos alimentares de vitaminas e sais minerais.

Procuramos dividir as refeições entre nós. As que tomavam o café da manhã traziam para a companheira um sanduíche reforçado. Procurávamos comer bem nesta refeição, o suficiente para agüentar e não almoçar, pois somente comeríamos o que a companheira que fosse ao almoço conseguisse nos trazer. No dia seguinte, trocávamos a escala. Assim, passamos dias difíceis dentro do Brasil, voltando de uma guerra vitoriosa.

Todas as manhãs, comparecíamos com nossa bagagem ao aeroporto da base local para ouvir pelo microfone a chamada para o embarque. A prioridade era dos doentes que regressavam ao Brasil e outros oficiais brasileiros que já estavam há mais tempo do que nós aguardando na base. Voltávamos, então, para o nosso alojamento. Em pequenos grupinhos de três ou duas, às vezes uma.

Com pouco dinheiro, logo que cheguei à base de Natal, passei um telegrama para meus queridos e adorados pais anunciando que estava no Brasil, mas sem saber quando chegaria ao Rio de Janeiro. Não agüentava a euforia, esperando o momento de revê-los. Eu estava no Brasil e o meu coração batia tão forte que parecia não caber em meu peito. Desejei telefonar, porém não havia cabo. Todas as linhas estavam ocupadas pelos políticos. A política fervia no Rio Grande do Norte.

Acoplo, novamente, a este relato, informações extraídas do livro da Capitã Olímpia, na página 121. Algumas enfermeiras também trouxeram os sinais da guerra. Por projeto elaborado pela Câmara dos Deputados, transformado na Lei nº 1.209, de 25 de outubro de 1950, e sancionado pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República, as enfermeiras da FEB foram efetivadas no posto de 2ª Tenente e incluídas na Reserva de 2ª classe do Exército Brasileiro com o mesmo posto.

Efetivadas no posto de 2ª Tenente, continuaram as enfermeiras lutando pela sua aspiração. Ainda por projeto elaborado e aprovado pela Câmara dos Deputados, foram convocadas para o Serviço Ativo do Exército no posto de 2ª Tenente com

acesso até o posto de 1ª Tenente e com permanência e regalias inerentes aos oficiais da Ativa nos termos da Lei Nº 3.160, de 1 de janeiro de 1957.

Quarenta e seis enfermeiras requereram convocação e nove não se apresentaram. Doze já estavam reformadas por incapacidade adquirida na guerra. Convocadas, foram classificadas em diversos Órgãos do Serviço de Saúde do Exército. Atualmente, estão todas na inatividade no posto de Major, Capitão ou 1ª Tenente, umas por terem completado tempo de serviço e outras, por terem atingido a idade limite para a permanência na Ativa, e outras por incapacidade física.

Na minha vida pessoal, a guerra não deixou conseqüências, pois voltei ao meu lar e continuei a minha vidinha, sempre prestigiada por minha família, meus amigos e pelos que trabalhavam nas repartições civis em que servi. O cargo de "Prático de Laboratório Classe E" que eu ocupava fora extinto, não havendo mais a possibilidade de promoção. Então, fiz concurso público para o cargo de escriturária classe G da Prefeitura do Distrito Federal, que ocupei até o dia 20 de setembro 1957, quando fui convocada e passei para o Serviço Ativo do Exército. Nessa ocasião, então, pedi demissão do meu cargo civil e assumi a minha carreira militar como 2ª Tenente Enfermeira nos termos da Lei nº 3.160 de 1ª de julho de 1957, Diário Oficial de 18 de setembro de 1957, Boletim Interno nº 215.

Bombardeios, enchentes, neve, degelo, incêndio, explosões em terrenos minados, vigílias, angústias, tudo experimentamos nesta guerra, porém conseguimos retornar à nossa terra com a consciência tranqüila do dever cumprido. O nosso ânimo no Teatro de Operações era tanto que o espírito se via fortalecido e vibrávamos ao desempenhar tão nobre missão como verdadeiras mãezinhas. Cumprimos a nossa missão na guerra como um verdadeiro sacerdócio. Sentíamos nosso esforço perfeitamente recompensado, quando a recuperação de nosso baixado se esboçava e, assim no íntimo, experimentávamos a utilidade de nossa presença. Fomos, vencemos e cumprimos o nosso dever e hoje, na paz, orgulhamo-nos de ter servido como as primeiras oficiais enfermeiras pertencentes ao Exército Brasileiro. Na Força Expedicionária Brasileira, tivemos a oportunidade, a honra e o privilégio de cuidar dos valerosos heróis da Segunda Guerra Mundial, minorando-lhes os sofrimentos. Como mulheres, marcamos nossa presença nesse conflito mundial.

Sinto orgulho de pertencer a este punhado de "anjos verde-olivas" que, num gesto altruístico, a tudo renunciaram para cuidar do soldado brasileiro e entrar para a História com letras de ouro, minhas queridas companheiras enfermeiras da FEB.